

# CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO CRÍTICO DE ANTONIO CANDIDO NO ENSAIO “DE CORTIÇO A CORTIÇO”

SIMONE ROSSINETTI RUFINONI

Mestranda no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas  
FFLCH-USP

o ensaio não quer captar o eterno nem destilá-lo  
do transitório; prefere perenizar o transitório  
[...]

T. Adorno, *O ensaio como forma*.

O ensaio de Antonio Candido “De cortiço a cortiço” (1973), juntamente com “Dialética da malandragem” (1970), são considerados textos fundadores da crítica literária dialética no Brasil. A peculiaridade do raciocínio do crítico cujos pressupostos estão atrelados à idéia de *Formação*, termo clássico na ensaística de explicação do caso brasileiro, traduz-se na busca de linhas evolutivas da “história dos brasileiros no desejo de ter uma Literatura”<sup>1</sup>, percurso este que por sua vez consiste no momento formativo de uma outra história: “a dos brasileiros no desejo de ter uma crítica literária”<sup>2</sup>. O redimensionamento e a valorização da função estruturadora da forma como elemento moldado pelas mediações da vida social configuram a originalidade do crítico, como ressalta Roberto Schwarz, uma “estrutura de estruturas”<sup>3</sup>, que promove o reconhecimento da forma social engendrada pela disposição e pelos núcleos de significado das configurações artísticas.

O método de Candido implicaria, então, a revitalização da crítica sociológica rastreando um percurso interpretativo que não se deixaria levar pela linhagem crítica que compreendia a obra como mera duplicação tautológica e, portanto dispensável, da realidade ou pelo extremo oposto que incorreria na ilusão da autonomia da obra de arte com relação ao sistema no qual está inserida, concebendo a

<sup>1</sup> Antonio CANDIDO, *Formação da Literatura Brasileira*, São Paulo, Martins, 1969, p. 25.

<sup>2</sup> Paulo ARANTES, “Providências de um crítico literário na periferia do capitalismo”, In *Dentro do texto, dentro da vida*, São Paulo, Cia das letras, 1992, p. 25.

<sup>3</sup> Termo empregado por Roberto Schwarz no ensaio “Pressupostos, salvo engano, de dialética da malandragem”, In *Que horas são?*, São Paulo, Cia das Letras, 1987, p. 140.

interpretação como recurso desprovido de categoria hermenêutica. Dupla articulação portanto, a reflexão sobre as formas implica a percepção do complexo de relações que a sociedade articula, ao contrário da supervalorização autárquica da estrutura que nada mais é do que sua subestimação, pois ao privá-la da sua substância mais produtiva, a historicidade, é irremediavelmente confinada àquela posição de generalidade sem objeto, sensaboria das formas sem referencial.

Assim, como ocorre em “Dialética da malandragem”, ensaio sobre *Memórias de um Sargento de Milícias*, o método consistiria em identificar o movimento interno, que vem da forma e redimensiona seu papel como estrutura de compleição e referência prático-histórica, através do qual o contexto social, a configuração das classes e os esquemas peculiares à formação da sociedade burguesa no país eram expressos. Neste caso reconhecendo o movimento social de fins do XIX no “balanceio” entre o eixo da desordem (pré-burguês) e da ordem (burguês) próprios da pequena burguesia da época, sem embargo da operação final totalizadora, ressaltada por Roberto Schwarz<sup>4</sup>, incompatível com os parâmetros tomados à tradição dialético-marxista não mencionados mas largamente acolhidos pelo crítico.

Tratando de distinguir os temas e elementos tomados à *L'Assomoir* de Zola, da reordenação do modelo ao contexto local a partir da configuração das condições próprias ao meio brasileiro, Antonio Candido coloca seu método analítico como uma questão de “filiação de textos e de fidelidade aos contextos”<sup>5</sup>, de onde a peculiaridade da forma no romance de Aluísio Azevedo funcionaria como força criativa nova e eficaz, fazendo da obra um “mundo” sem a ilusão da originalidade absoluta, já que a obra é também “filha do mundo”. Da natureza ambígua das mediações, o crítico expõe as semelhanças; ambas as narrativas são de pobres habitações coletivas, onde a promiscuidade e a violência culminam na degradação e animalização dos indivíduos, e realça as diferenças; enquanto em Zola cada romance representa um núcleo temático da sociedade francesa, em Aluísio, dada a condição de um país de economia

<sup>4</sup> As considerações de Roberto Schwarz a respeito do ensaio “Dialética da malandragem” de Antonio Candido fazem parte do ensaio citado na nota anterior.

<sup>5</sup> Antonio CANDIDO, “De cortiço a cortiço” In *O discurso e a cidade*, São Paulo, Duas Cidades, 1993, p. 124..

periférica semicolonial, é possível a coexistência e portanto o confronto entre o explorador e o explorado. E é dessa relação do capitalismo primitivo com suas características de amealhamento ligado ao projeto do acumulador de dinheiro e explorador do trabalho quase servil, tudo isso em torno das transformações por que passa o cortiço, que afirma a produção de uma obra de valor artístico superior às fontes primeiras que lhe serviram de empréstimo; força da fidelidade ao meio mesmo que filiada a outros, trazendo como evidenciará a investigação da superação do enfoque ideológico do romance rumo ao amplo alcance do valor mimético da forma, as condições do subdesenvolvimento configuradas pelo ritmo da acumulação do capital. Espécie de dialética do local e do universal, ou dupla fidelidade; ao elemento local e às mediações externas que possibilitam, através do processo de acumulação da tradição literária em seus acertos e desacertos, o aprofundamento da história contemporânea. Dialética como oscilação de opostos, como incessante movimento pendular mas também como princípio de síntese, salto no sentido de incorporação do nacional ao universal. Andamento da sociedade quando concebida como resultante de forças organizadoras profundas da experiência estética, que pode vislumbrar, a partir da singularidade da feição interna do problema, a complexidade dos desdobramentos da história universal.

Seja para insistir na idéia social de forma, buscando a estrutura extra-literária que seria reordenada no interior da obra, seja para mostrar que a observação social pode preceder à observação estética, o crítico traz à tona um dito recorrente no Rio de Janeiro da época que diz: “para português, negro e burro, três pês: pão para comer, pano para vestir, pau para trabalhar”<sup>6</sup>. A gíria grosseira expressa a ideologia da época cujo emissor latente, o mesmo que orienta o enfoque narrativo do romance, seria o branco livre e pobre que não desejaria igualar-se ao negro ou ao português, ambos identificados com o trabalho visto como derogatório. A tomada de uma forma externa como o dichote a fim de entrever o caráter de classe que percorre a camada superficial da obra, mostra-se recurso fértil; o caráter ideológico do dito pode desvendar preconceitos e delinear relações sociais cujas resultantes estarão presentes na narrativa, mesmo que a compleição do movimento geral da estrutura as desautorize. Assim, a expressão ideológica dos pês desnuda uma

<sup>6</sup> *Op. cit.*, p. 128.

problemática de classe, onde “a sociedade figura por meio de um resultado seu”<sup>7</sup>, e passa a ordenação interna do romance; ao trabalhar como elemento formal o que parecia disposição externa, proporciona autonomia e dinamismo à estrutura a ponto de superar o que era estímulo, criar um “mundo” enérgico e violento cuja força é capaz de lançar novas luzes sobre a realidade externa. Ao contrário da linhagem que identifica na crítica de cunho dialético-marxista um reducionismo que submete a forma a papel secundário, o ensaio de Antonio Candido prova que o dado aparentemente extra-literário passa a elemento interno e a autonomia deste pode assumir valor de ruptura em relação ao conjunto de ideologias veiculado pelo romance; a interpretação desvenda a dissonância, motivo de força e independência das configurações artísticas, contra o papel redundante que pode ser promovido pela idéia de *mimese*.

Num primeiro momento o dito evidencia um sistema de reflexos e preconceitos de classe identificados com o naturalismo e o nacionalismo, que opõe o negro ao branco, o branco ao português, o clima dos trópicos (o efeito do sol como fomentador dos instintos) ao da Europa. O efeito de superfície do dito é o da ideologia do emissor, do homem branco e livre da época que pretende prolongar os privilégios da ordem colonial, mas num nível profundo a “verdade dos pés”<sup>8</sup>, ou como quer Roberto Schwarz, o “rendimento literário”<sup>9</sup> deste enfoque revela o mecanismo primário de acumulação de riqueza que redistribui os elementos desta trinca; “primeiro, o explorador capitalista; segundo, o trabalhador reduzido a escravo; terceiro, o homem socialmente alienado, rebaixado ao nível do animal”<sup>10</sup>.

Fiel ao “sentimento dos contrários”<sup>11</sup> que orienta sua crítica, cuja genealogia é tratada em seu ensaio “O significado de *Raízes do Brasil*”<sup>12</sup>, Antonio Candido articula o ritmo de dois movimentos opostos no romance, o que chama de “dialética do espontâneo e do

7 Roberto SCHWARZ, “Originalidade da crítica de Antonio Candido” In *Novos Estudos Cebrap*, 1992, nº 32, P. 39.

8 CANDIDO, *op. cit.*, p. 132.

9 SCHWARZ, *op. cit.*, p. 40.

10 CANDIDO, *op. cit.*, p. 118.

11 Paulo ARANTES, *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira*, São Paulo, Paz e Terra, 1992, p. 21.

12 Antonio CANDIDO, “O significado de *Raízes do Brasil*” 1967; prefácio ao livro de Sérgio Buarque de Holanda.

dirigido”; de um lado, afinado com as características naturalistas, forças de caráter biológico que influem sobre a raça, o movimento centrípeto que atua de fora para dentro do cortiço; de outro lado, encarnando o projeto racional do ganhador de dinheiro, o movimento de dentro para fora que concentra a luta do estrangeiro para vencer o meio. Ritmo narrativo que insinua o movimento social, manifestando, através da passagem e supremacia do “dirigido” sobre o “espontâneo”, a lógica do processo de acumulação do capital. Como em “Dialética da malandragem”, os dois pólos coexistem e possuem dimensões opostas, o balanceio entre as duas ordens, Brasil burguês e pré-burguês, mimetiza o ritmo da sociedade, a dialética do espontâneo e do dirigido aponta para o sistema de relações ideológicas da época cujo dinamismo apreendido pela forma revela a dinâmica econômica de um país semicolonial. Ocorre que a estrutura literária imprime lastro local à discussão naturalista, atualizando temas que passam, graças ao dinamismo da forma, a abranger o país em sua totalidade, tornando-se ela mesma fonte de conhecimentos da realidade, incompatível com a base preconceituosa do emissor latente que parecia orientar a visão da vida social expressa no romance. A apreensão do processo “impessoal” de acúmulo de riqueza é o resultado da articulação profunda das linhas de força da configuração formal da obra; apresenta um desvio da idéia naturalista de mímese, abrindo a perspectiva de uma outra mímese que surge do interior do processo construtivo, do entrelaço contraditório das cargas ideológicas latentes, que desmobiliza as perspectivas particulares, invertendo os chavões naturalistas e trazendo para a dinâmica do romance a imitação do andamento da formação de um momento periférico da história do capitalismo. Marcha geral da sociedade que a estrutura contempla ao desautorizar as formas anteriores da obra; lutas de raças, o determinismo do meio, o nacionalismo ou a visão de classe promovida pelo dito dos pês, novamente a “estrutura de estruturas”, aspecto fundamental da experiência ensaística que desvenda e estetiza a maior contribuição da arte moderna; travejar na peculiaridade estética de toda história a especificidade da história contemporânea. Necessidades de representação da realidade que se tornam possíveis “graças a uma redução ao gratuito, ao teoricamente incondicionado, que dá ingresso ao mundo da ilusão e se transforma dialeticamente em algo empenhado, na medida em que suscita uma visão do mundo”<sup>13</sup>.

<sup>13</sup> Antonio CANDIDO, *Literatura e Sociedade*, São Paulo, Ed. Nacional, 1985, p. 55.

Mas além de imagem aterradora da realidade, o cortiço é ainda uma figuração do Brasil. Paradoxalmente o romance naturalista parece ir além da realidade observável, o que permite a apreciação do cortiço como retrato do país, uma espécie de Brasil miniatura devido à coexistência de tipos, raças e nacionalidades, todos em torno de um objeto físico, social e simbólico — o cortiço — e de um projeto primitivo de exploração capitalista. Ocorre que a necessidade de representar “antinaturalisticamente” o país por acréscimo, o que segundo o crítico não se apresentava para Zola, faz o jogo de mediações do romance adquirir valor alegórico, elemento cuja força representativa e formativa marca uma visão do país segundo as concepções do tempo. Essa espécie de “realismo alegórico” advém de uma camada implícita que suspende o curso da mimese e imprime um significado segundo ao peculiar conjunto de relações sociais engendrado pela ordenação da matéria literária. Nesse caso, o cortiço emerge como figuração do país, interpondo na cadeia de correlações que perfazem a apreensão literária da realidade, o sentido específico de cunho alegórico; o objeto cortiço é então o próprio Brasil, e muito da força do romance vem, para Antonio Candido, dessa contaminação entre os planos real e alegórico.

Alertando para o vínculo entre Formação e Representação literária da realidade, uma das providências formativas do crítico na posição de intelectual na periferia é a de responder à indagação formulada nos seguintes termos: qual o país que tal forma descortina? O sistema de mediações sulcado da experiência estética é muitas vezes parte da busca dessas linhas evolutivas que possam dar conta da construção nacional de uma tradição literária; processo cumulativo do influxo externo e salto qualitativo do exemplar local, cujo coroamento é a imitação em profundidade pela matéria literária da lógica interna que preside a história da vida social.

Mas, se em “De cortiço a cortiço” o fundamento para a análise da reversibilidade entre peculiaridade estética e experiência social é o lucro, através dos mecanismos próprios ao andamento do capitalismo periférico, em “Dialética da malandragem” a forma social cunhada a partir da observação da configuração estética insere-se num mundo onde a esfera do trabalho está ausente, já que não há escravos. Como lembra Roberto Schwarz em “Pressupostos, salvo engano, de *Dialética da malandragem*”, aqui o movimento dos contrários é específico da identificação de um “modo de ser” de uma camada da sociedade brasileira do XIX, que estendido à totalidade da

sociedade, culmina em uma espécie de síntese totalizadora expressa no “mundo sem culpa” O movimento ensaístico parte de um procedimento de pressuposição dialética mas opera uma totalização de cunho ideológico burguês, desvendando os eixos da ordem e da desordem como “polaridades historicamente descomprometidas”<sup>14</sup>. A totalização aponta para a ressalva de Roberto Schwarz face ao tratamento que privilegia a forma mas não a interpreta historicamente por sua vez; “a história não é o chão prioritário de tudo”<sup>15</sup>, espécie de mecanismo dialético que paradoxalmente opera de forma construtiva. Ou, orientando as observações de Adorno a propósito da arte para o próprio ato crítico; toda essência afirmativa tornou-se, perante a realidade, insuportável<sup>16</sup>. Ao minimizar a urgência da “genuína filosofia da história”<sup>17</sup>, não há unidade da luta humana a ser sulcada da experiência estética, nem insistência no caráter de identificação necessária do passado cultural, assim, por trás das superestruturas desvanece-se a busca do imperativo, em última instância, político. Com a insistência na história nacional desvinculada da História da Humanidade, o tom de “fábula realista composta em tempo de *allegro vivace*”<sup>18</sup>, descomprometido e exclusivo do “mundo sem culpa”, recai sobre a ilusão de um “reino da liberdade”, agora sob o signo da reificação da vida contemporânea, já que a totalidade emerge de um aspecto desprovido de causalidade histórica<sup>19</sup>. A peculiaridade desse procedimento dialético pressupõe, portanto, histórias particulares, o que afasta a solidariedade da luta humana integrada a uma práxis vital comum imanente à especificidade das formas, incorrendo numa concepção idealista tanto da arte quanto da sociedade que lhe serve de referência. (Ilusão ilustrada ou alienação face à onipresença da

<sup>14</sup> SCHWARZ, *op. cit.*, p. 153.

<sup>15</sup> *Idem.*, p. 151.

<sup>16</sup> Theodor W. ADORNO, *Teoria Estética*. São Paulo, Martins Fontes, 1988, p. 12.

<sup>17</sup> Fredric JAMESON, “A Interpretação: a literatura como ato socialmente simbólico”, In *O inconsciente político*. São Paulo, Ática, 1992, p. 16. Segue p. 16-17: “... apenas uma genuína filosofia da história é capaz de respeitar a especificidade e a diferença radical do passado sociocultural, revelando a solidariedade de suas polêmicas e paixões [...] minha posição aqui é a de que apenas o marxismo oferece uma resolução filosoficamente coerente e ideologicamente premente ao dilema do historicismo [...]

<sup>18</sup> Antonio CANDIDO, “Dialética da malandragem”, In *O discurso e a cidade*, p. 54.

<sup>19</sup> JAMESON, *Op., cit.*, p. 18. Os projetos individuais pressupõem um reino da liberdade que só fortalece, na realidade, o controle da Necessidade já que a possibilidade de libertação ampara-se no reconhecimento da unidade da história coletiva, o que pressupõe a onipresença do inconsciente político presente nos artefatos culturais.

História?). É assim que, frente à construção totalizadora final de “Dialética da malandragem”, o ensaio de Schwarz insiste na importância formativa do texto de Antonio Candido identificando, ainda, a natureza das suas articulações. Afinado com as disposições de Adorno a respeito do gênero ensaio, os “pressupostos” críticos de Roberto Schwarz, análise notável e desmitificadora da engrenagem ensaística de Antonio Candido, esclarecem a intenção ideológica que orienta a urdidura particularmente dialética do referido ensaio sobre o romance de Manuel Antonio de Almeida.

É neste contexto que a “Dialética da malandragem”, tomada como representante da tradição dialética brasileira, no sentido da aproximação da configuração estética com o movimento social correspondente, não prossegue levando às últimas conseqüências os preceitos de um processo ensaístico que busca a desidealização das formas artísticas segundo as observações de Theodor Adorno no “Ensaio como forma”<sup>20</sup>. Nessa discussão, amparada na denúncia da crítica inserida no conservadorismo da tradição formal e no vislumbre da possibilidade da escritura como manifestação de um espírito emancipado, Adorno escreve um ensaio sobre o próprio gênero, matizando e desvendando o enigma da liberdade crítica. O caráter eminentemente negativo aliado à intenção desmistificadora, avessa à síntese, faz desse gênero fragmentário e dialético por excelência, crítica à ideologia, no sentido da renúncia a toda a verdade, da negação do procedimento científico e do combate à transformação das formações culturais em bens de consumo. O “mundo sem culpa” de Candido corre na contramão desse percurso; o procedimento dialético, ou como quer Paulo Arantes, o sentimento da dialética recorrente na obra do crítico (que também percorre a história da experiência intelectual brasileira), revela-se como uma espécie de movimento dos contrários tão caro à obra de Candido, segundo a qual o crítico buscava encontrar em cada tendência a sua componente oposta. A síntese de Antonio Candido contrapõe-se à heresia do gênero ensaio, oferecendo ao movimento permanentemente destrutivo e negativo, a ilusão da verdade presente nas formações culturais. O ensaio é a crítica que desconfia de si mesma; protesto contra a reificação da arte e a institucionalização do pensamento.

<sup>20</sup> Theodor W. ADORNO, “O ensaio como forma”, In *Sociologia*. São Paulo, Ática, 1986.



“O ensaio tem que conseguir que a totalidade brilhe por um momento em um traço escolhido ou encontrado, sem que se afirme que ela esteja presente”<sup>21</sup>; a totalidade do ensaio de Antonio Candido, ao contrário, foi afirmada: a síntese do mundo sem culpa. Providências de uma crítica que busca as linhas de força de um sistema literário inconsistente, onde a palavra dialética pode então assumir o sentido de dualidade, antagonismo ou síntese, solução no sentido de integração; passando do pólo negativo ao positivo e insistindo na história da formação da aspiração coletiva de uma História literária nacional. Aspectos e riscos da experiência ensaística de um intelectual na periferia do capitalismo cuja história marca a passagem da crítica preocupada com a edificação nacional à crítica que concorre para sua historicidade, sobretudo empenhada na identificação da continuidade de um sistema literário.

<sup>21</sup> ADORNO, *Op. cit.*, p. 180.